

OS ESTIGMAS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Ao celebrarmos os 800 anos da impressão dos estigmas de Cristo no corpo de São Francisco de Assis parece-nos oportuno explorar mais profundamente este evento tão significativo, que plasmou não apenas a vida de São Francisco, mas também a Ordem Franciscana e até mesmo a Igreja no seu todo ao longo dos séculos até aos dias de hoje. Para tal, julgamos necessário mergulhar inicialmente sobre as ‘feridas’ vividas por Francisco de Assis, principalmente nos seus últimos anos, a fim de entendermos como Francisco veio a abraçar a sua Cruz e tornar-se um ‘alter Christus’¹. Não menos importante será procurarmos entender como os estigmas tiveram uma influência tão significativa para a Ordem, ao ter que enfrentar inúmeros desafios e ameaças à ‘sobrevivência’ do Carisma Franciscano ao longo dos anos, tanto no seio da Igreja, quanto aos olhos do mundo. Por fim, e talvez seja esta a grande meta desta reflexão, tentaremos compreender o que este evento ocorrido há 800 anos atrás ainda nos diz hoje, o que podemos nós retirar dele, e como ele continua ainda hoje a falar-nos ao coração.

1. Contextualização histórica

Antes demais, é importante enquadrar tudo no seu contexto; é necessário entender que os últimos anos da vida de Francisco foram bastante conturbados, repletos de ‘feridas profundas’ que lhe provocavam grande sofrimento. Francisco padecia de inúmeras enfermidades físicas, algumas delas bastante graves, que muitas vezes o obrigavam, por obediência, a submeter-se a tratamentos inúteis que apenas lhe causavam mais dor (Cfr. *Compilação de Assis* 77). Além disso, Francisco olhava ao seu redor e tudo parecia ter fracassado. Todos os seus empreendimentos² lhe pareciam ter sido um enorme fracasso. Também a Ordem por ele fundada parecia escapar-lhe das mãos e a seguir por caminhos tortuosos, que nada tinham a ver com o ideal inicialmente abraçado. Parecia que nada havia produzido verdadeiros frutos que permanecessem para a posteridade, mas que tudo se desmoronava diante dos seus olhos. Era um momento de profundo sofrimento e angústia para Francisco, que o levava a duvidar de tudo aquilo que havia realizado até então. O coração de Francisco estava verdadeiramente pesado e, perante tal, mantinha-se em constante silêncio, chorava facilmente, não conseguia sorrir, procurava ocultar-se da presença dos irmãos e buscava cada vez mais os eremitérios e fraternidades mais recatadas. Diante deste diagnóstico, torna-se fácil de compreender que Francisco estava a passar por aquilo que hoje podemos identificar como uma forma de depressão, que durou pelo menos durante dois longos anos.

Francisco não vinha sendo bem aceite por parte dos seus Irmãos, principalmente por aqueles que desejavam dar um outro rumo à Ordem dos Frades Menores. Havia toda uma pressão por parte de vários irmãos para que se observasse uma das Regras já existentes (Cfr. CA 18), conforme ordenava o IV Concílio de Latrão. Do mesmo modo, havia também quem desejasse caminhar por conta

¹ Esta expressão foi primeiramente utilizada por São Boaventura e que frequentemente é traduzido de forma errônea por ‘outro Cristo’ em vez de ‘segundo Cristo’. Ou seja, Francisco deve ser visto como a continuação de Cristo, da Sua missão redentora, da missão de salvar toda a humanidade através do Seu amor.

² De referir o desejo pessoal de Francisco de ir pelo mundo anunciar o Evangelho, de modo especial a sua ida à Terra Santa na tentativa de converter o Sultão Malek Al-Kamil ou ao menos para alcançar com ele um acordo de Paz.

própria, numa linha mais próxima dos hereges, procurando distanciar-se da Igreja institucionalizada, mas caminhando mais autonomamente. Francisco de Assis, agarrando-se ao Evangelho, procurava manter firme o carisma que lhe fora revelado e confiado por Deus, orientando toda Ordem a caminhar unida nesse sentido.

Francisco era o pai e fundador da Ordem, ninguém o negava, mas com o crescimento da mesma e a entrada de um grande número de irmãos sábios e de grande referência para a sociedade, muitos dentro da Ordem começaram a querer colocar Francisco de parte por considerá-lo incompetente para liderar esta Ordem crescente e pujante. Muitos Irmãos já não viam Francisco como seu líder, mas consideravam-no como um simplório ignorante, incapaz de dar resposta às exigências que a Ordem enfrentava com o seu rápido crescimento. O confronto entre Francisco e muitos Irmãos doutos da Ordem foi-se tornando cada vez mais visível. Foi durante o Capítulo das Esteiras de 1220 em Santa Maria dos Anjos que, diante de todos os Irmãos ali presentes, Francisco veio a renunciar ao governo da Ordem³, nomeando Frei Pedro Catânio como novo Ministro Geral da Ordem (Cfr. CA 11).

É também importante sublinhar que a relação entre a Ordem e a Igreja institucional começava gradualmente a manifestar as suas tensões. Se inicialmente a Igreja via em Francisco e na sua Ordem a oportunidade ideal para ‘combater’ os hereges, ela continuava ainda a encontrar dificuldade em se identificar com os ideais de pobreza e simplicidade propostos por Francisco de Assis. A Igreja tinha ainda muita dificuldade em renovar-se, pois encontrava-se imbuída no poder e na riqueza mundanos. Essa dificuldade viria a tornar-se mais evidente após a morte de Francisco de Assis. Além do mais, a Ordem dos Frades Menores começava a ter uma enorme influência, não apenas entre o povo, mas também na hierarquia da Igreja, principalmente entre os Papas. E, como tal, muitos começaram a ver a necessidade de ‘limitar o poder’ a ela concedido, pois continuava a crescer exponencialmente e a exercer uma enorme pressão sobre a hierarquia da Igreja para uma necessária renovação interior.

2. O encontro com Jesus Cristo na Porciúncula e a cura da depressão

Um dos momentos mais significativos da vida de Francisco ocorre dois anos após a renúncia ao governo da Ordem, ou seja, entre 1222 e 1223⁴. Francisco encontra-se na Porciúncula a lamentar-se perante Deus pelo rumo que a Ordem estava a tomar. Francisco não suportava mais tamanho fardo... estava cansado, desanimado e sem saber o que mais poderia fazer para ‘salvar’ a sua Ordem – esta Ordem que lhe fora confiada por Deus e que Francisco procurara até então cuidar e defender como se de um filho se tratasse.

Francisco não podia aceitar que os Irmãos (filhos gerados em seu coração), que no início lhe haviam pedido de seguir a inspiração clara recebida de Francisco, quisessem agora tomar outro caminho diferente e arrastar todos os outros para o mesmo abismo. Francisco via-se diante de uma

³ Contudo, é de salientar que aos olhos de Roma Francisco continuará a ser sempre o representante legal da Ordem.

⁴ Alguns estudiosos, entre eles Grado Merlo, consideram que tal episódio se deu apenas alguns dias antes de Francisco ter recebido os estigmas. Também o lugar não seria na Porciúncula, mas no Monte Alverne.

situação verdadeiramente dolorosa e difícil, a de dever destacar-se não só dos seus ‘filhos’ mas também da Ordem por ele criada. Este drama acompanharia Francisco até ao fim da sua vida.

Diante desse cenário e sentindo-se incapaz de continuar a sua missão, profundamente indignado e sem réstias de esperança sobre o bom rumo da Ordem, Francisco decide entregar a Ordem de volta a Cristo. Ele pede ao Senhor que retire aquele espinho que lhe estava cravado na carne (Cfr. 2Cor 12,7-9). É um momento de fragilidade de Francisco, em que, com o propósito de poder concentrar-se totalmente no Amor a Deus, ele pede que lhe seja retirado o espinho da preocupação pelos Irmãos e pelo futuro da Ordem.

Este é, sem dúvida alguma⁵, o momento de maior crise que Francisco enfrenta, ou melhor, que não consegue mais afrontar, pois sente que não tem mais forças para continuar a carregar tamanho peso sobre os seus ombros. E recolhendo-se para orar (e chorar!) no lugar onde tudo havia iniciado⁶, Francisco vê-se envolvido em tamanha angústia sem se conseguir libertar deste fardo tão pesado, que o faz voltar-se para Deus com a pretensão de Lhe devolver a Ordem. Francisco pretendia que dali em diante não fosse mais uma preocupação sua, mas que passasse a ser única e exclusivamente Deus a cuidar da Ordem.

Eis a narração deste acontecimento:

«Desabafou assim [Francisco] na oração, com o coração trespassado de dor: “Senhor, recomendo-te a família que Tu me deste”. E o Senhor respondeu-lhe: “Diz-me cá! Porque te afliges assim, quando um frade abandona a Ordem, ou aparecem alguns que não seguem o caminho que te mostrei? Diz-me lá ainda: quem plantou a Ordem dos frades? Quem converte o homem à penitência que se faz na mesma Ordem? Quem lhe dá a virtude da perseverança? Não sou Eu, porventura? [...] Não foi por seres homem letrado e eloquente que te escolhi para guarda da minha família, mas por seres um homem simples; para que saibas, tu e os outros, que sou Eu quem vela pelo meu rebanho. Coloquei-te no meio deles como um sinal, para que as obras que opero em ti, eles as vejam e as cumpram também. [...] Por isso te digo, que não te entristeças assim; faz o que tens a fazer; aplica-te à tua obra; porque a Ordem dos frades plantei-a Eu em caridade perpétua”» (CA 112)

Este encontro com Cristo dá-nos a chave de leitura para compreender o desenvolvimento do tema da Impressão dos Estigmas no corpo de São Francisco de Assis. De facto, é aqui que se encontra o cerne da questão, o momento mais crucial da vida de Francisco.

Francisco dá-se conta que até então continuava apegado à Ordem, que a tinha como sua propriedade – e que deveria entender que a Ordem sempre fora e continuaria a ser de Deus e não dele. Ou seja, faltava ainda libertar-se da posse daquilo que lhe era mais precioso – a missão recebida de Deus – que, apesar de ter sido confiada a Francisco, continuava a ser de Deus.

Uma outra narração, que acreditamos corresponder ao mesmo momento, mas que vem observado de um outro prisma, é o seguinte:

«Quando o bem-aventurado Francisco estava na Porciúncula, para bem da sua alma, foi assaltado por uma terrível tentação espiritual. Sentia-se fortemente perturbado, interior e exteriormente, no espírito e no corpo, a ponto de evitar a companhia dos Irmãos, por não poder, devido à tentação, mostrar o seu habitual sorriso. Mortificava-se com a privação da comida e no falar. Procurava refúgio no bosque próximo da igreja para orar; aí podia dar largas à sua dor e derramar abundantes lágrimas diante do Senhor, para que o Senhor, que tudo pode, lhe enviasse do céu remédio para seu mal. Durante mais de dois anos, dia e noite, foi atormentado por esta tentação. Um dia em que ele estava em oração na igreja

⁵ Pelo menos para nós.

⁶ Na pequena capela da Porciúncula, onde havia nascido a Ordem, sob a proteção de Santa Maria dos Anjos.

de Santa Maria, ouviu em espírito esta palavra do Evangelho: “Se tiveres fé como um grão de mostarda, e disseres a este monte que se afaste de um lugar para outro, ele obedecerá” (Mt 17,20).

– *“Qual é essa montanha?”, pergunta o bem-aventurado Francisco.*

– *“Essa montanha é a tua tentação”.*

– *“Então, Senhor, faça-se em mim como dizeis”.*

No mesmo instante sentiu-se aliviado, de tal maneira que lhe parecia nunca ter sofrido a tentação.» (CA 63)

Nos últimos anos, Francisco estava a fechar-se em si mesmo, mergulhando numa profunda depressão. O único modo de sair dali era com um salto de fé. E Francisco deu esse salto. Ou seja, acreditando e confiando em Deus, Francisco viu-se liberto de um momento para o outro desse tão grande tormento. A narração deste acontecimento é de tal forma realista, de tal forma profunda, debruçando-se sobre a fragilidade de Francisco de forma impressionante, que se torna impossível duvidar desse acontecimento. Tudo havia começado ali, na Porciúncula, e deveria terminar no mesmo lugar.

Contudo, seria erróneo pensar que Francisco, após este episódio, simplesmente pusesse toda a sua confiança em Deus e não pensasse mais no assunto, dizendo para consigo algo do género: “então se isto é um problema de Deus, Ele que resolva, Ele que se preocupe da Sua Ordem, que eu Francisco já não tenho mais nada a ver com isso. Desliguei...”⁷. Francisco não reage desse modo. A verdade é que o peso de que Francisco se libertou não foi o da preocupação, mas o da indignação. Francisco passou a entender que o corte do cordão umbilical, à semelhança do que acontecera no Antigo Testamento com o Profeta Samuel e o povo de Israel⁸, não foi com Francisco de Assis, mas com o próprio Deus. Assim, querendo os Irmãos orientar a Ordem por outros caminhos (que Francisco não partilhava), restava apenas a Francisco confiar os Irmãos e a Ordem nas mãos de Deus, sabendo que Deus nunca os haveria de abandonar.

Francisco continuaria a preocupar-se com a Ordem; continuaria a apertar-se-lhe o coração ao ver que os seus Irmãos estavam a seguir por outra estrada que não aquela justa. Mas, assim como uma mãe jamais abandona os seus filhos, também Francisco não podia simplesmente virar as costas aos seus Irmãos, mas devia continuar a acolhê-los e a amá-los nas suas escolhas. Francisco deveria abraçar a sua Cruz, dando a vida pelos seus Irmãos até ao fim, amando-os incondicionalmente. Pois somente amando os seus Irmãos com todo o seu coração, é que Francisco se poderia unir verdadeiramente a Cristo no calvário. Francisco não devia ‘libertar-se’ da Cruz, mas abraçá-la, amá-la e dar a vida por ela, pois essa Cruz não só o estaria a unir aos seus Irmãos, mas também a Cristo Jesus. Na verdade, se a fé de Francisco servisse para manter longe o sofrimento, então Francisco estaria a percorrer o caminho errado, uma vez que a Fé pressupõe a disponibilidade para dar a vida pelos Irmãos no calvário, unidos a Cristo Jesus.

Francisco compreende então a profundidade da sua fragilidade, que afinal todo o caminho feito até ali fora muito pouco ou até mesmo um nada. Tinha ainda muito que trabalhar em si mesmo, tinha ainda diante de si um longo percurso de conversão, que até então considerava já alcançado. É fruto dessa consciencialização a seguinte exclamação de Francisco: “Irmãos, comecemos a servir o

⁷ Discurso hipotético, inventado por nós.

⁸ O povo de Israel pediu a Samuel um Rei, pois não queriam continuar a ser orientados por Samuel e pela sua descendência. De facto, o Senhor dirá a Samuel: «Ouve a voz do povo em tudo o que te disser, pois não é a ti que eles rejeitam, mas a mim, para que Eu não reine mais sobre eles» (1Sam 8,7).

Senhor Deus porque até agora pouco ou nada fizemos” (1Cel 103). Não era mera poesia, mas Francisco falava a verdade, falava aquilo que verdadeiramente sentia no seu coração. Ele queria recomeçar de início, no encontro com os leprosos, pois sentia que deveria voltar a aprender a amar, mas um amor puro, despojado de tudo, para poder verdadeiramente abraçar a Cruz, e ali dar a sua vida não só por Cristo, mas também por todos os seus Irmãos.

Também daí nasce a parábola da Verdadeira e Perfeita Alegria narrada por Francisco a Frei Leão. Ao partilhar com ele em que consistia a Verdadeira e Perfeita Alegria, Francisco contava o que ele próprio deveria ter feito (mas não foi capaz de fazer!) quando os Irmãos o quiseram afastar do governo da Ordem. Francisco fez uma leitura crítica do seu comportamento anterior, sublinhando como deveria ter agido à luz deste encontro com Cristo. De salientar ainda que ao contar esta parábola, Francisco não se limitava apenas a fazer uma reprimenda a si mesmo, mas procurava principalmente abrir o coração e o entendimento dos Irmãos a algo muito maior: a verdadeira e perfeita alegria reside no amor incondicional, que deve levar à doação gratuita da própria vida pelos Irmãos, mesmo diante das perseguições e incompreensões.

3. O evento dos Estigmas no Monte Alverne

Francisco de Assis costumava realizar várias quaresmas⁹ ao longo do ano. Em Agosto de 1224 Francisco sobe ao Monte Alverne, como era seu costume, com o intuito de fazer a quaresma em honra de São Miguel Arcanjo¹⁰. Francisco carregava ainda em seu coração o encontro que tivera com Cristo cerca de dois anos antes e, como tal, procurava unir na mesma Cruz o seu amor por Cristo e pelos Irmãos.

Já próximo do final da quaresma, após a festa da exaltação da Santa Cruz, eis que ocorre algo de extraordinário, e que Tomás de Celano narra na biografia de canonização de Francisco:

«Dois anos antes de partir deste mundo para o céu, permanecendo ele no ermitério que, em razão do local onde se encontra, tem o nome de Alverne, foi por Deus favorecido com a seguinte visão: pairando acima dele, apareceu-lhe um homem em forma de Serafim, com seis asas, preso a uma cruz, os braços estendidos, unidos os pés. Duas asas prolongavam-se por cima da cabeça, duas abriam-se para voar, e outras duas cobriam-lhe todo o corpo. Esta aparição mergulhou num pasmo infindo o servo do Altíssimo que, todavia, não acabava de lhe entender o significado. Sentindo-se envolvido pelo olhar benigno e afetuoso daquele serafim de incedível beleza, experimentava um gozo imenso, uma fogosa alegria. Contudo, aterrava-o sobremaneira vê-lo cravado na cruz, sofrendo atrocemente as dores de tamanha paixão. Levantou-se triste e alegre ao mesmo tempo, se assim me é lícito exprimir, alternando em seu espírito sentimentos de fruição e de amargura. Buscava com ardor descobrir o sentido da visão, mas todo se lhe agitava o espírito no esforço de o conseguir. Não lhe consentindo a inteligência devassar coisa alguma e sentindo-se totalmente subjugado com a singularidade da aparição, eis que nas suas próprias mãos e pés vê surgir os mesmos sinais dos cravos que pouco antes vira no misterioso homem crucificado. As mãos e os pés pareciam ter sido atravessados ao meio pelos cravos, sobressaindo a cabeça destes da palma das mãos e a ponta, do lado oposto. Os sinais eram redondos no interior das mãos e alongados nas costas, e uma excrescência carnosa fazia lembrar a ponta dos cravos, rebatida e recurvada. Também nos pés se lhe viam as marcas dos cravos, sobressaindo do resto da carne. No lado direito, que uma lança parecia ter atravessado, estendia-se ampla cicatriz que sangrava frequentemente, de modo que a túnica e as bragas se tingiam daquele sangue bendito.» (1Cel 94-95)

⁹ As 5 quaresmas de São Francisco: Epifania (de 7 de janeiro a 15 de Fevereiro); Ressurreição do Senhor (da Quarta-Feira de Cinzas até à Páscoa); Assunção de Nossa Senhora (de 29 de Junho a 15 de Agosto); São Miguel Arcanjo (de 15 de Agosto a 29 de Setembro); Advento (de Todos os Santos até ao Natal).

¹⁰ Tinha início após a Assunção de Nossa Senhora e terminava na Festa de São Miguel Arcanjo.

O documento mais antigo que faz referência ao corpo estigmatizado de Francisco de Assis é a Carta de Frei Elias, então Ministro Geral, dirigida a toda a Ordem, anunciando a morte de Francisco de Assis. Apesar de existirem algumas dúvidas sobre a autenticidade deste escrito e do seu conteúdo, consideramos não haver motivos para duvidar da veracidade dos estigmas de Francisco.

Mas é sobre a biografia de Tomás de Celano, usada na Canonização de São Francisco de Assis, que nos pretendemos debruçar. Este documento é de grande relevância se tivermos em conta que as testemunhas oculares haviam feito um juramento solene sobre a veracidade dos factos ali narrados. Na verdade, foram vários os frades que tiveram a graça de testemunhar tais factos ainda durante a vida de Francisco. Também de referir o grande número de pessoas que viram os estigmas impressos no corpo de Francisco após a sua morte. Também Clara, que era ainda viva e gozava de fama de santidade, tal como suas Irmãs, havia contemplado os estigmas no corpo de Francisco. É também de salientar que, além de alguns Cardeais mais íntimos de Francisco, o próprio Papa Alexandre afirmou num sermão ter visto com seus próprios olhos os sagrados estigmas de Francisco enquanto ele ainda estava vivo (Cfr. LM 13).

Seria absurdo pensar que Tomás de Celano tivesse inventado tal acontecimento, pois teria sido imediatamente denunciado como mentira. Assim, esse testemunho serve para nós hoje como maior prova da veracidade dos estigmas de São Francisco de Assis.

Também São Boaventura mais tarde, levando por diante uma exaustiva investigação dos factos através da consulta de várias testemunhas ainda viventes, confirmará os estigmas recebidos por Francisco no Monte Alverne, explanando tão extraordinário evento:

«Arrebatado assim em Deus pelos impulsos do seu amor seráfico, e pelo desejo de se configurar com Aquele que por um excesso de amor quis ser crucificado, certa manhã, por alturas da festa da Exaltação da Santa Cruz, estando em oração num barranco da montanha, viu descer do alto do Céu um Serafim com seis asas resplandecentes como fogo. Num voo extremamente rápido, essa figura fixou-se no ar, a pouca distância do homem de Deus. E pôde então observar por entre as asas, a imagem de um corpo humano crucificado, de mãos e pés estendidos e pregados a uma cruz. Duas asas erguiam-se acima da cabeça, outras duas abriam-se para voar, e as duas restantes encobriam-lhe todo o corpo. Esta aparição deixou-o profundamente assombrado, enquanto no coração se lhe misturava a tristeza com a alegria: alegria pela expressão benigna com que se via observado por Cristo na figura desse Serafim – tristeza, porque ao ver o sofrimento de Cristo pregado à cruz, uma espada de dor lhe trespassava a alma com dolorosa compaixão. O aspeto tão misterioso dessa aparição deixava-o atónito, porque em seu entender não se poderia coadunar o sofrimento de um corpo com a espiritualidade imortal de um Serafim. Mas graças às luzes do alto, pôde enfim compreender porque é que a divina Providência lhe proporcionava esta visão: era para que ele se fosse acomodando à ideia de que a semelhança que deveria ter com Cristo crucificado se realizaria, não pelo martírio do corpo, mas pelo incêndio total da alma. A visão, entretanto, desaparecera, deixando-lhe o coração a arder em chama viva – e deixando-lhe também o corpo marcado em chagas vivas. Foi exatamente nessa altura que lhe apareceram nas mãos e nos pés as marcas dos cravos, tais como acabara de as presenciar nesse homem crucificado. Tanto as mãos como os pés davam a ideia de terem sido trespassados com pregos: as cabeças desses pregos eram visíveis nas palmas das mãos e na parte superior dos pés, enquanto nas costas das mãos e nas plantas dos pés se podiam ver os bicos dos mesmos pregos. As cabeças dos pregos eram arredondadas e escuras; as pontas, bastante compridas, apresentavam-se dobradas, como que rebatidas, sobressaindo do resto da carne. Também ao lado direito do peito apareceu uma cicatriz encarnada, como se tivesse sido aberta por uma lança, a qual por vezes chegava a sangrar, deixando vestígios na túnica e até nos calções interiores.» (LM 13)

Segundo a interpretação de São Boaventura, os estigmas são a bula que o Pontífice Cristo aplica no corpo de Francisco. O amor incandescente que ardia no coração de Francisco tornou o seu

corpo como cera, onde Cristo aplica o Seu sigilo¹¹. São a sequela, a continuação de Cristo – ou seja, Francisco transforma-se num ‘alter Christus’.

É importante notar que Francisco de Assis teve uma experiência interior única e extática, impossível de descrever. Toda e qualquer experiência espiritual é algo de inefável e, portanto, por mais narrações ou testemunhos que existam, o que verdadeiramente ocorreu no Monte Alverne é um enorme mistério do qual apenas Deus tem total conhecimento. De facto, nem mesmo o próprio Francisco teve uma verdadeira consciência daquilo que acontecera naquele monte, nem tampouco foi capaz de entender a fundo o que Deus acabara de realizar. Portanto, resta-nos apenas fazer algumas suposições, com base naquilo que foi a vida de Francisco de Assis antes e após ter recebido os estigmas, tentando desvendar, ainda que de modo muito limitado, apenas aquilo que Deus nos quis revelar por meio do seu servo Francisco.

4. O significado dos Estigmas para São Francisco

A impressão dos estigmas de Cristo no corpo de Francisco teve, evidentemente, um impacto profundo no próprio Francisco. Recordando-nos o que foi mencionado anteriormente, Francisco estava atravessando um período particularmente atribulado, questionando tudo o que havia feito ao longo da sua vida, especialmente nos últimos anos.

E se por um lado as palavras reconfortantes de Cristo na visão que havia tido anteriormente o deveriam deixar mais aliviado, Francisco ainda carregava a dúvida em seu coração de que tudo aquilo que fez tivesse ficado aquém das expectativas de Deus e, como tal, tivesse fracassado. Ao receber os estigmas de Cristo em seu próprio corpo, Francisco recebe a confirmação de que tudo o que havia feito era obra de Deus, assinada por Ele. Era um projeto de Deus no qual Francisco deveria simplesmente confiar, sem se preocupar em ver os frutos desse projeto.

Francisco desejava permanecer unido a Deus para não pecar. Estar unido a Deus e viver só para Deus, confiando-se nas Suas mãos. Através dos estigmas, Francisco entende que Deus cuida dele, que Deus continua a amá-lo e a confiar nele, apesar das suas limitações e imperfeições. Francisco dirá num dos seus êxtases: “Quem és Tu, ó meu dulcíssimo Deus? Quem sou eu, verme vil e inútil servo teu?” (*Consideração sobre os Estigmas*, 3). E não resta a Francisco senão dar graças a Deus por tanto o amar, por cuidar deste pobre e frágil frade.

Contudo, a impressão dos estigmas no corpo de Francisco esconde algo mais profundo e transcendente, que deve ser consequência de tudo o que já foi referido. De facto, unido a Cristo crucificado, Francisco é também chamado a dar a vida pelos seus Irmãos, principalmente aqueles que o haviam abandonado e desprezado. Ao partilhar a Cruz com Cristo, então Francisco deve também partilhar com Cristo o amor e a misericórdia para com toda a humanidade, para com todos os seus irmãos.

Se Francisco quiser verdadeiramente unir-se a Cristo, deverá também dar a vida por todos aqueles que Ele ama, e que Francisco também deve amar com todo o seu coração. Francisco não

¹¹ Dante Alighieri afirmaria mais tarde que as cinco chagas impressas no corpo de Francisco são o último sigilo.

pode virar as costas aos irmãos, mas é chamado a carregar a cruz dos irmãos, a deixar-se crucificar por eles, a dar a vida por eles. Francisco está crucificado não apenas por Cristo, mas por todos os seus irmãos, pela salvação de toda a humanidade. Ou seja, Cristo pretendia que Francisco se unisse a Ele na Cruz do Calvário, na manifestação de amor por toda a humanidade. Assim como Jesus deu a Sua vida por todos os Seus Irmãos, derramando o Seu Sangue na Cruz até à morte, da mesma forma Francisco deveria oferecer a sua vida pelos seus Irmãos, unindo-se à mesma Cruz de Jesus. Portanto, os estigmas deveriam ser para Francisco um recordar constante desta Cruz que ele deveria abraçar e carregar, ao mesmo tempo que se tornava um sinal visível do amor que Francisco tinha pelos Irmãos, em Cristo Jesus.

Embora o sofrimento seja algo que ninguém deseja, Francisco aceitou-o em união com Aquele a quem ama e que deu a Sua vida por todos os que necessitam do Seu sofrimento. Dessa forma, o sofrimento que Francisco sentia deixou de ser dor, transformando-se em Amor. Ao acolher em seu corpo as mesmas Chagas de Cristo, o mesmo sofrimento, Francisco participava da redenção de Cristo, dando a vida por amor as seus Irmãos. Não apenas por amor a Deus, mas também por amor aos seus Irmãos. Ele entregou-se totalmente a Deus e aos Irmãos, e ao 'sofrer por amor', Francisco encontrou a verdadeira felicidade.

Se por um lado Francisco sabe que precisa de Deus, por outro lado sente que Deus também precisa de Francisco, pois Deus quer-se manifestar ao Seu povo, para que O escutem, para que Lhe rezem, para que O adorem. Deus quer ensinar o Seu povo a viver e para isso precisa de Francisco, que seja exemplo e modelo de vida e de santidade.

Francisco sabe que deve continuar a caminhar na sua fragilidade, com o espinho na carne, que não lhe foi tirado, mas que dia após dia deve ser transformado num 'amor profundo que salva'. Na verdade, Francisco continuou a deixar transparecer a sua preocupação e o seu apego à Ordem até ao final da sua vida terrena. Guardava em seu coração um amor de 'mãe', mas ao mesmo tempo também de 'pai'. Ou seja, se por um lado brotava do seu coração um amor indescritível pelos seus Irmãos, por outro lado, continuava a ter momentos autoritários, onde comandava firmemente os Irmãos de agirem de determinada forma, para que não se desviassem do caminho reto. Tal é bastante visível, principalmente quando dita o seu Testamento, poucos dias antes de morrer.

Segundo frei Leão, Francisco de Assis decidiu redigir um escrito com os Louvores ao Deus Altíssimo em consequência de um benefício recebido. Ainda que tal manuscrito tenha sido redigido logo após ter recebido os estigmas, sabemos que esses são apenas uma segunda parte do grande benefício recebido. O verdadeiro benefício para Francisco foi a saída da enorme depressão em que estava submerso, encontrando nos estigmas recebidos a confirmação de que o amor aos Irmãos é a verdadeira estrada justa a percorrer.

De facto, a superação não surgiu no Monte Alverne, mas já havia ocorrido na Porciúncula. O Sigilo foi dado por Deus após Francisco ter realizado o seu ato de fé, após ter bebido o cálice até ao fim. Francisco deveria sair de si mesmo, deveria dar a sua vida pelos Irmãos. Assim como Jesus no Getsémani, Francisco deveria beber do mesmo Cálice (Cfr. *Mt* 26,39.42), deveria confiar-se totalmente nas mãos de Deus, procurando apenas cumprir a Sua vontade. A estigmatização no Monte Alverne viria a ser a confirmação deste acontecimento.

5. O significado dos Estigmas para a Ordem

Como já foi referido, a Ordem estava em rápido crescimento e de dia para dia iam surgindo novas exigências, juntamente com a necessidade de uma ação concreta que proporcionasse um equilíbrio entre a radicalidade evangélica e o atendimento às necessidades da Ordem, que se tornava cada vez mais numerosa. Para muitos Irmãos da Ordem, embora Francisco fosse alguém verdadeiramente carismático, não era visto como alguém que pudesse continuar a liderar a Ordem. Apesar de o amor e a estima por Francisco se manterem inalteráveis, ao longo do tempo, os Irmãos começaram a pretender ter alguém mais instruído à frente da Ordem, alguém que não os deixasse em vergonha, alguém que não parecesse e que não se comportasse como um louco.

Assim, a impressão dos estigmas no corpo de Francisco transformou-se numa chamada de atenção por parte de Deus, destacando que Francisco não estava louco, não estava fora de si, mas sim a levar por diante o projeto que Deus havia designado para ele. Foi Francisco quem Deus escolheu para guiar a Sua Ordem, e, como tal, os Irmãos deveriam sempre considerá-lo como pai e guia, acolhendo os seus ensinamentos e orientações.

Do mesmo modo, veio enfatizar que Francisco não poderia ser relegado ao esquecimento nem tampouco ser ignorado, mas deveria permanecer para sempre como ponto de referimento para toda a Ordem. Se muitos procuravam deixar Francisco para trás, como parte de um pedaço de história bonita que evoluiu e que procurava um novo rumo, os estigmas colocavam Francisco diante de todos como o modelo a ser seguido de modo transversal ao longo dos séculos. Jamais deveria ser esquecido.

Não menos importante, e relacionando ao que foi referido no ponto anterior, é a compreensão por parte da Ordem do amor que Francisco nutria por seus Irmãos. De facto, ao unir-se a Cristo na Cruz, à Sua Paixão, Francisco carregava em si o amor não apenas pelos Irmãos do presente mas também por aqueles que haveriam de entrar para a Ordem ao longo dos séculos, assegurando a todos que o seu amor por cada um deles estaria indelevelmente unido à Paixão do seu Senhor. Ou seja, Francisco sofria e dava a sua vida por todos eles.

Dessa forma, todos os Irmãos passaram a ter diante dos seus olhos não apenas um santo que foi exemplo e modelo de santidade, mas um santo que os amou incondicionalmente e que, partindo para o céu, continuaria a interceder por cada um deles, para que também eles pudessem um dia entrar no paraíso eterno (Cfr. *Consideração sobre os Estigmas*, 5).

6. O significado dos Estigmas para a Igreja e para o mundo

Não houve quem ficasse indiferente a um acontecimento tão extraordinário quanto a estigmatização de Francisco de Assis. Tais estigmas, impressos no corpo de um homem simples e humilde, com fama de grande santidade, veio não só reforçar fé na existência de Deus, mas também evidenciar que Deus não virou as costas ao Mundo nem à Sua Igreja, mas que continua a operar maravilhas. Vem proclamar ao mundo que a Igreja permanece válida e que Deus continua a agir nos seus membros.

De facto, confirmando Deus a santidade deste simples homem, tal vem dizer à Igreja e ao Mundo que é na simplicidade e na humildade humana que Ele consegue encontrar a ‘abertura’ para operar grandes coisas, capazes de uma verdadeira transformação. É um convite feito à Igreja e a toda a humanidade para seguir os passos de Francisco, para seguir os passos de Cristo.

É de salientar, porém, que este não foi um acolhimento fácil e imediato por parte da hierarquia da Igreja. Embora inicialmente a Igreja tenha acolhido com alegria e entusiasmo a ‘reforma’ liderada por Francisco e seus seguidores, essa reforma começou gradualmente a incomodar quando a partir de dentro foi desafiando a própria Igreja a adotar um estilo de vida mais simples e despojado. Além disso, com o crescimento contínuo da Ordem Franciscana, mesmo após a morte de Francisco, alguns frades começaram a reivindicar para si a autenticidade e a santidade em contraste com a Igreja institucional, que encontrava sérias dificuldades em purificar-se das suas riquezas e ostentações de poder.

Gozando da simpatia dos Papas, a Ordem Franciscana foi acumulando privilégios e um certo poder de autonomia diante da hierarquia eclesial. Diante de um crescimento de tensões, muitos procuraram limitar o seu poder e outros até mesmo a extinção da Ordem.

Assim sendo, o facto de Francisco de Assis, fundador e animador da Ordem, trazer no seu corpo os estigmas do próprio Cristo, significava que o próprio Deus havia assinado a Sua obra no corpo de Francisco. Ou seja, Francisco trazia no seu corpo a aprovação de que a Ordem por ele fundada era um projeto abençoado e protegido pelo próprio Deus, e não uma Ordem qualquer. Tal assinatura divina não apenas garantia a continuidade da Ordem, mas salientava que esta deveria ser acolhida e promovida. Toda a Igreja era convocada a contemplar tão grande mistério, deixando-se assim renovar a partir de dentro, como o Cristo de São Damião havia indicado a Francisco no início da sua caminhada (Cfr. *1Cel* 6,10).

Também os movimentos heréticos da época, que criticavam acerrimamente a Igreja, reconheciam nos estigmas de Francisco um sinal de Deus para retornar ao caminho da santidade, um caminho que o próprio Cristo abençoava e recomendava. Assim, muitos hereges retornaram à Igreja Católica, abraçando a espiritualidade proposta por São Francisco de Assis.

Conclusão – Os Estigmas de Francisco 800 anos depois

A 800 anos de distância da impressão dos estigmas de Cristo em São Francisco de Assis, é pertinente que nos questionemos se tal acontecimento permanece ainda hoje vivo e impactante como nos primórdios, ou se, com o passar dos anos, sua relevância se diluiu na indiferença.

Francisco de Assis não foi um falimento. Pelo contrário, sua vida reflete o Evangelho de maneira palpável. Francisco não pode ser apresentado como um ser perfeito, pois não o era. Mas Jesus veio próprio para quem estava doente (Cfr. *Mc* 2,17). Francisco é aquele homem frágil e fraco, que caiu em depressão devido a inúmeros problemas e tensões. Mas Francisco foi capaz de afrontar tudo isso de um modo extraordinário, depositando a sua fé e esperança em Deus, amando-O com todo o seu coração, não só a Ele, mas também a todos os seus Irmãos. Os estigmas foram para Francisco a confirmação de que esse deveria ser sempre o caminho a seguir.

E se Francisco, sendo como nós, foi capaz de tal feito, então também nós, ainda que talvez nós não possamos ser como ele, possamos ao menos fazer alguma coisa a mais do que aquilo que atualmente fazemos. Tal como Francisco, também nós podemos enfrentar momentos de adversidade que nos podem levar a cair em depressão. Mas é olhando para Francisco, para aquele seu momento de dificuldade, que talvez faça reavivar a nossa fé e assim fazer a diferença. Francisco de Assis foi um simples peregrino nesta terra, numa constante busca de Deus e da Sua perfeição. E assim como ele se foi deixando moldar à vontade de Deus, assim também hoje cada um de nós deveria fazer o mesmo!

Embora muitas vezes as pessoas sejam relutantes em acolher os ensinamentos da Igreja e os mandamentos de Deus, ao contemplarem a vida dos santos, podem reconhecer ali a presença de Deus. É olhando para a vida dos Santos, para a ação de Deus na sua vida que frequentemente as pessoas acabam por parar e refletir, por interessar-se em conhecer um pouco mais. Na verdade, muitas vezes Deus age através de sinais hoje para alcançar os homens do amanhã. Daí também isso venha justificar a intercessão dos santos na concessão de milagres, para que as pessoas parem para olhar e refletir sobre a vida daquele santo e procurem 'escutar' aquilo que Deus falou através da sua vida.

De facto, se por um lado os estigmas de Francisco apontam para a constante ação de Deus na sua vida, na Ordem Franciscana e na Igreja, devem também ainda hoje fazer-nos parar e refletir sobre a presença de Deus na nossa vida. Ou seja, os estigmas de Francisco de Assis devem servir como um lembrete a toda a Igreja e ao Mundo da necessidade de também nós vivermos com simplicidade e humildade o Evangelho, pois também nós somos chamados à mesma santidade.

Por fim, e mais importante ainda, a estigmatização de Francisco permite-nos entender que Deus não o chamou apenas para ele ser santo, mas para uma vocação aberta aos outros, ou seja, para que também outros se santifiquem. O 'Sim' de Francisco não podia ser apenas para ele só, individualmente, acolher Cristo no seu coração, para saborear o quanto Cristo o amava. Na verdade, Francisco deveria dar o seu 'Sim' principalmente para permitir que Cristo pudesse continuar a salvar com o Seu Amor Misericordioso toda a Humanidade através daquele pobre e humilde frade. Assim, Francisco de Assis continua a ensinar-nos ainda hoje, através dos estigmas, impressos no seu frágil corpo, que viver em Cristo (Cfr. *Gal 2,20*) é viver para a Sua Missão, é abraçar com amor a Sua Cruz, é dar a vida por todos os Irmãos, pois só assim poderemos contribuir para a salvação de toda a Humanidade.

Frei Miguel Grilo, OFMCap

Bibliografia utilizzata/aconselhada:

- ❖ ACCROCCA, FELICE – *Sulla via di Francesco: saggi e discussioni sugli scritti e le agiografie francescani*, Fondazione CISAM, 2017.
- ❖ BARFUCCI, MARINO B. (a cura di) – *Le stimmate di santo Francesco. Dagli scritti del XIII e XIV secolo*, Ed. La Verna, 1975.
- ❖ BARTOLI, MARCO – *La libertà francescana. Francesco d'Assisi e le origini del francescanesimo nel XIII secolo*, Il pozzo di Giacobbe, 2009.
- ❖ DALARUN, JACQUES – *Francesco d'Assisi: il potere in questione e la questione del potere. Rifiuto del potere e forme di governo nell'Ordine dei frati minori*, Biblioteca Francescana, 1999.
- ❖ Fonti Francescane, 2011.
- ❖ *Fonti Francescane. Nuova edizione. Scritti e biografie di san Francesco d'Assisi. Cronache e testimonianze del primo secolo francescano. Scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi. Testi normativi dell'Ordine Francescano Secolare*, a cura di E. Caroli, E. Francescane, 2004.
- ❖ FRUGONI, CHIARA – *Francesco e l'invenzione delle stimmate: una storia per parole e immagini fino a Bonaventura e Giotto*, Einaudi, 2010.
- ❖ *Itinerarium Montis Alvernæ. Atti del Convegno di Studi Storici (La Verna, 5-8 maggio 1999)*, a cura di A. Cacciotti, in *Studi Francescani* 97 (2000).
- ❖ MANSELLI, RAOUL – *I primi cento anni di storia francescana*, Ed. San Paolo, 2004.
- ❖ MERLO, GRADO – *Nel nome di san Francesco. Storia dei frati minori e del francescanesimo sino agli inizi del XIV secolo*, E. Francescane, 2003.
- ❖ MERLO, GRADO – *Tra eremo e città: Studi su Francesco d'Assisi e sul francescanesimo medievale*, Ed. Porziuncola, 1991.
- ❖ MICCOLI, GIOVANNI – *Francesco: Il santo di Assisi all'origine dei movimenti francescani*, Saggine, 2013.
- ❖ RICCI, ADELAIDE – *Apparuit effigies: Dentro il racconto delle stimmate*, Unicopli, 2021.
- ❖ VAUCHEZ, ANDRE – *Francesco d'Assisi e gli Ordini mendicanti*, Medioevo Francescano, Saggi 10, Fondazione CISAM, 2005.
- ❖ VAUCHEZ, ANDRE – *Francisco de Assis. Entre História e Memória*, Trad.: J. Antunes e N. Lopes, Instituto Piaget, 2009.
- ❖ VOLPE, GIOACCHINO – *Movimenti religiosi e sette ereticali nella società medievale italiana*, Donzelli, 2010.